

Quando os navegantes eram crucifixos. A génese de um mito europeu e a dispersão mediterrânica e atlântica das esculturas atribuídas a Nicodemos

Joel Cleto

Nos finais do século XI surge uma lenda que irá varrer toda a Europa durante os séculos seguintes. Associada a romances de cavalaria e de amor cortês, tão característicos desta época, a emergência da história do Santo Graal, de que "Parsifal" é talvez o exemplo mais paradigmático, conhecerá uma celebridade e dispersão verdadeiramente notáveis, alicerçando-se como "uma das maiores aventuras da imaginação ocidental". Associada à história de José de Arimateia (que segundo a lenda guardou o Santo Graal) desde cedo, ainda no século XII, surge também a figura bíblica de Nicodemos. O facto de terem sido os últimos a contactar com o corpo de Cristo, fez com ambos tenham sido, segundo os seus hagiógrafos, privilegiados possuidores e "fazedores" de relíquias. Não obstante a ligação de Nicodemos, desde o século XII, a José de Arimateia e à lenda do Graal, a tradição que o identificava como escultor em madeira e autor de imagens de Cristo era contudo, na Europa ocidental, mais antiga. E a sua associação a relíquias, nomeadamente representações artísticas de Jesus (inicialmente apenas em ícones e pinturas), está já documentada desde o século IX.

Numa época em que as relíquias, principalmente as que se relacionam de um modo directo com a Paixão de Cristo, são cada vez mais valiosas e se iniciam as "demandas" em sua busca, em associação com o espírito das Cruzadas, facilmente se perceberá da celebridade e divulgação que conhecerão estas lendas e as relíquias que lhes estão associadas. E, do mesmo modo, se perceberá como um pouco por toda a bacia do Mediterrâneo ocidental nos surjam imagens e lendas atribuídas e relacionadas com Nicodemos, num fenómeno que se vai estendendo pelas costas atlânticas. É nesse contexto que deveremos entender também o "aparecimento" da imagem do Bom Jesus de Matosinhos, provavelmente a mais antiga escultura de um Cristo crucificado em tamanho natural existente em Portugal.

Mas à dispersão da lenda e das imagens de Nicodemos não serão também alheios outros factores relacionados com a crescente fixação das populações no litoral peninsular desde o século XII e a crescente rede de contactos comerciais marítimos que se vão estabelecendo na Europa. Disso mesmo são exemplo algumas imagens cuja origem tradicionalmente está associada ao seu "achamento" no alto mar por parte de comerciantes ou de viajantes. Neste trabalho pretende-se, ainda que de um modo não definitivo, mas elucidativo, identificar e cartografar as imagens atribuídas a Nicodemos procurando inferir, a partir das suas tipologias e factos históricos, uma eventual cronologia da sua dispersão "costeira" e sua associação a comunidades marítimas. Uma análise que nos levará a conhecer imagens, como uma presumivelmente oriunda de Berito na Síria - a actual Beirute, no Líbano; o "Vulto Santo" em Luca, o Cristo da Igreja de San Domenico da povoação de Chioggia, na Lagoa de Veneza, ou o Cristo do Santuário de Numana (Ancona), em Itália; o Cristo de Nicodemo da igreja de S.

Francisco, em Oristano, na ilha da Sardenha; o Majestat Batlló, presumivelmente de Olot, na Catalunha, o Santíssimo Cristo na igreja do Salvador em Valência e o Cristo de San Pedro de Marchena, também em Espanha; o Senhor de Matosinhos, em Portugal, os Cristos de Finisterra e de Ourense na Galiza; o de Burgos, em Espanha, o Crucifix Miraculeux de La Rue (Cherbourg, Canal da Mancha) ou o Christ de Diver sur Mer (na Baixa Normandia).